



Valter
Hugo
Mãe
**A desuma
nização**

19

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



COSACNAIFY

Valter Hugo Mãe
A desumanização

para o meu irmão Casimiro
para o Hilmar Örn Hilmarsson

Um homem não é independente a menos que tenha a coragem de estar sozinho.

HALLDÓR LAXNESS, *Gente independente*

Primeira Parte

FORAM DIZER-ME que a plantavam. Havia de nascer outra vez, igual a uma semente atirada àquele bocado muito guardado de terra. A morte das crianças é assim, disse a minha mãe. O meu pai, revoltado, achava que teria sido melhor haverem-na deitado à boca de deus. Quando começou a chover, as nossas pessoas arredadas para cada lado, ainda vi como ficou ali sozinho. Pensei que ele escavaria tudo de novo com as próprias mãos e andaria montanha acima até ao fosso medonho, carregando o corpo desligado da minha irmã.

Éramos gémeas. Crianças espelho. Tudo em meu redor se dividiu por metade com a morte.

Ao deitar-me, naquela noite, lentamente senti o formigueiro da terra na pele e o molhado alagando tudo. Comecei a ouvir o ruído em surdina dos passos das ovelhas. Assim o expliquei, assustada. Disseram-me que talvez a criança morta tivesse prosseguido no meu corpo. Prosseguia viva por qualquer forma. E eu acreditei candidamente que, de verdade, a plantaram para que germinasse de novo. Poderia ser que brotasse dali uma rara árvore para o nosso canto abandonado nos fiordes. Poderia ser que desse flor. Que desse fruto. A minha mãe, combalida e sempre enferma, tocou-me na mão e disse: tens duas almas para salvar ao céu. Assustei-me tanto quanto lhe tive ternura. A minha mãe não me perdoaria qualquer falha.

Achei que a minha irmã podia brotar numa árvore de músculos, com ramos de ossos a deitar flores de unhas. Milhares de unhas que talvez seguissem o pouco sol. Talvez crescessem como garras afiadas. Achei que a morte seria igual à imaginação, entre o encantado e o terrível, cheia de brilhos e susto, feita de ser ao acaso. Pensei que a morte era feita ao acaso.

Deitava-me na cama, imaginava a terra no corpo, a água, os passos das ovelhas, nenhuma luz. Muito frio. Estava muito frio. Não me podia mexer. Os mortos não se encolhiam, não se aconchegavam melhor, ficavam tal como os tivessem deixado. E eu sabia que devia ter acautelado isso. Devia ter visto se levava um agasalho, se estava puxado até ao pescoço, se lhe puseram almofadas ou haveria aquilo de ser apenas um tecido nas tábuas duras. Depois, ganhava certeza de que a minha irmã fora deitada à terra como um resto qualquer.

As pessoas já chamavam àquele bocado de chão a criança plantada. Diziam assim. A criança plantada. Também parecia uma chacota porque o tempo passava e não germinava nada, não germinava ninguém. Era um plantio ridículo. Uma coisa para consolar a cabeça aflita da família. Não servia para tarefa alguma. E perguntavam-me: é verdade que os gémeos ficam de duas almas. Como se eu estivesse a sentir-me gorda ou pesada, como se tivesse mudança no corpo ou na luz dos olhos que evidenciasse a obrigação de fazer a minha irmã viver. Estás de fantasma dentro, afirmava o Einar.

Eu era sempre magra. Apenas um esboço de gente. Quase não existia. Não me via gorda de aquisição nenhuma e mal encontrava lugar para a alma que até então me

competira.

A minha irmã gostava de doces e eu odiava. Talvez as pessoas se esforçassem por me convencer a comer doces para consolar a alma dela. Talvez pudesse passar a gostar de snudurs, se a Sigridur estivesse verdadeiramente posta dentro de mim. Quando experimentei, igualmente odiei, e a ausência da minha irmã apenas aumentava. Eu dizia que o açúcar me vinha como sangue à língua.

Só por antecipação eu poderia sentir a terra e a água. Durante um tempo, percebi, a caixa em que a trancaram ia protegê-la, limpa, antes que se misturasse tudo, podre, a desaparecer. Ainda assim, deitava-me com a morte. Chegava a colocar as mãos ao peito como fizeram com a Sigridur, muito hirta, quieta, e imaginava coisas ao invés de adormecer. Imaginar era como morrer.

Ao fim de umas noites, senti um bicho a picar-me. Um bicho dentado que claramente devorava um lugar no meu corpo. Apavorada, levantei-me. Estava o lume brando, a casa esfriando. Não lhe mexi. Olhei apenas como quem esperava nascer o sol de uma chama qualquer. Podia ser que se fizesse o dia a partir de uma fogueira pequena que fosse mais amiga do sol ou soubesse subitamente voar.

Pensei que queria ver uma pequena fogueira a voar.

Quando o meu pai se levantou, foi o que lhe confessei. Eu sabia que os bichos haveriam de devorar o corpo da Sigridur. Se ela tivesse de ser uma semente, se esperasse germinar, não o conseguiria enquanto os bichos lhe devorassem os aumentos. Ou poderia acontecer-lhe igual àquelas árvores pequenas do Japão. Árvores que queriam crescer mas que alguém mutilava para ficarem raquíticas, apenas graciosas, humilhadas na sua grandeza perdida. O meu pai, que era um nervoso sonhador, abraçou-me brevemente e sorriu. Um sorriso silencioso, o modo de revelar ser tão imprestável quanto eu para o exagero da morte. Comecei a sentir-me violentamente só.

Os bichos, apressados e cheios de estratégias, mastigavam a Sigridur para que se mantivesse uma semente fechada, impedindo que crescesse até ver-se acima da terra, a chegar aos nossos olhos, fazendo algum sopro no vento, espiando ela própria o mar. Devoravam-na para que a pele se mantivesse infértil, apenas secando de podre como o tubarão no barracão grande.

A criança plantada não podia voltar, pensava eu em terror. A terra estava infestada de seres matadores, invejosos, gulosos da felicidade dos outros. Comem-lhe a felicidade.

Pensei que a minha irmã apenas morria mais e mais a cada instante. Era uma criança bonsai. Explicou-me o meu pai. Aquelas árvores, disse eu. Bonsais, respondeu ele. Fazem jardins raquíticos. Como se os japoneses preferissem que as coisas do mundo fossem diminutas. Coisas anãs. Ou, então, era para terem os homens a propriedade dos pássaros. Concordei. Haveriam de circular entre as árvores pequenas com a impressão dos pássaros a voar.

Gostava que pudesse aparar o meu corpo também. Ficar eternamente criança por vontade, nem que desse muito trabalho. Ser sempre assim, igual ao que fora a minha irmã. O único modo de continuarmos gêmeas. Sabes, pai, se eu crescer e não crescer a Sigridur vamos ficar desconhecidas. Faz de mim um bonsai. Peça-te. Corta o meu corpo, impede-o de mudar. Bate-lhe, assusta-o, obriga-o a não ser uma coisa senão a imagem cristalizada da minha irmã. Vou passar a andar encolhida, dormir apertada, comer menos. Vou sonhar tudo o mesmo ou sonhar menos. Querer o mesmo a vida inteira ou querer menos. Querer o que queria ela. Se os bichos na terra não a deixam ser maior, se é verdade que a levam por inteiro, que fique ao menos eu, pelas duas, a ser igual, para não morrermos. No mínimo, devíamos ter enterrado muitas flores com ela. Que florissessem. Porque não pode ver senão bichos e terra suja. Não colhemos flores, fomos muito egoístas. Havia tantas na charneca. Algumas cheiravam bem.

Nos meus sonhos imaginava jardins de crianças. As árvores baixas dos corpos, falando, brincando com os braços e os pássaros pousando entre as folhas. Os braços deitavam folhas e seguravam ninhos nas mãos e as crianças eram sempre pequenas, animadas de ingenuidade, gratas pela vida sem saberem outra coisa que não a vida. E sonhava que as pessoas japonesas vinham ao jardim contemplar, e deitavam água de regadores coloridos que lavavam os pés-raízes das crianças bonsai. E só de noite, quando bem escuro, alguém vinha com as facas para laminar as partes dos corpos que se alongavam. Laminavam cuidadosamente, todas as noites, para que não deformassem as crianças, para que avelhassem sem se notar. Incapazes de mostrar a idade. Apenas livres para usarem a idade na manutenção eufórica da infância. Sofreriam os cortes caladas. Conscientes da maravilha que aquela dor lhes trazia.

A ver a imensidão dos fiordes, as montanhas de pedra cortadas por rigor, o movimento nenhum, achei que o mundo mostrava a beleza mas só sabia produzir o horror. As nossas pessoas sobravam ali em duas dezenas de casas habitadas, contando com a igreja e o minúsculo quarto de dormir do insuportável Einar. Não havia mais miúdos. Era tudo velho. A gente, os sonhos, os medos e as montanhas.

Podia ser que eu estivesse ainda mais magra por ter ficado vazia dos poucos gramas que pesava a alma. A minha mãe chamava-me estúpida. Perguntei-lhe que sentido encontrava na vida. O que andaríamos ali a tentar descobrir. Mas ela nunca o saberia. Surpreendeu-se com a profundidade da questão. Foi um modo instintivo que tive de a magoar, para que não me ofendesse com a sua contínua e impensada rejeição. Magoávamo-nos, acreditava eu, sempre por causa da ternura. Como que a reclamá-la enquanto a perdíamos de vez.

Mais tarde, ouvia-a alertar o meu pai. Em alguns casos de morte entre gêmeos o sobrevivente vai morrendo num certo suicídio. Desiste de cada gesto. Quer morrer. Dizia ela.

Quando percebi que estávamos sozinhos, descansei o meu pai. Não queria morrer. Estava entre matar e morrer, mas não queria uma coisa nem outra. Queria ficar

quieta.

Repeti: a morte é um exagero. Leva demasiado. Deixa muito pouco.

Começaram a dizer as irmãs mortas. A mais morta e a menos morta. Obrigada a andar cheia de almas, eu era um fantasma. O Einar tinha razão. As nossas pessoas olhavam-me sem saber se viraria santa ou demónio. Os santos aparecem, os demónios assombram.

A MINHA MÃE passara uma lâmina pelo peito. Desenhara um círculo torto com o mamilo ao centro, como a querer retirar um ovo da pele. Parecia uma runa a fazer de coração. Lia-se apenas uma tristeza desesperada e prenunciava coisas más. O meu pai ensinava que já não adorávamos os deuses antigos porque ignorávamos o que nos ofereceram e fechávamos os olhos às provas da sua existência. Dizia que a minha mãe era ignorante e que o seu ritual não prestava. O desespero era o contrário de tudo quanto devíamos saber. No dia seguinte estava espalhado por toda a charneca o corpo de uma ovelha.

Pela fúria, a minha mãe despedaçava os animais para expiação louca da dor. Adiantava pouco. Confundida com modos cristãos, cantava o hino fúnebre do Hallgrímur Pétursson e ensanguentava tudo. Bebia. Ficava tonta e a baralhar versos e recados. Chamava por mim, já estendida na cama, sem poder levantar-se e cuidar das ideias que tinha.

Ficara a ovelha espalhada como se tivesse vindo por chuva do céu. No inferno, choviam corpos despedaçados e as nuvens eram poços de sangue a vagar, como panelas a ferver de onde os mortos se entornavam. A minha mãe dizia que era preciso pedir perdão. Eu fugia-lhe. Punha-me a trabalhos sem lhe chegar demasiado perto.

Enxotei os carneiros, as ovelhas, para arriba, dentro do curral. Fui de pontapés fazendo rebolar as carnes charneca abaixo, até à água. A chuva limpava as minudências, desfazia o sangue. O mar haveria de arrastar o resto para longe, até à boca das baleias. Guardei a pele. Atirei a cabeça do animal a um fundilho distante. Fui limpar a penugem recolhida. Fazer contas ao inverno.

A minha mãe perguntou pela penugem. Recolhera-a dos ninhos deixados pelos patos. Serviria para roupas de cama. Estava cansada. Estou cansada, mãe. Enquanto o luto fosse intenso a compaixão não se sentia. Ordenava-me a uma resignação calada. Levantava-me a mão.

Naquela noite, o meu pai saíra no barco. Fomos à largada para lhe dizer adeus. Nunca o fazíamos. Estávamos ridículas. Ele não partia, apenas trabalhava. Depois, ela sentou-me num banco pequeno. Tinha a faca afiada na mão. Julguei que me mataria tão distribuída quanto uma ovelha. Contava que o meu sonho de esculpir as crianças como sementes estava muito certo. Queria retirar um ovo da minha pele também. Queria que, como no peito dela, se visse o meu coração. Não fez mais nada. Deixou-me dormir no susto. Esmagada por tanta tristeza e tanto medo.

O inferno não são os outros, pequena Halla. Eles são o paraíso, porque um homem sozinho é apenas um animal. A humanidade começa nos que te rodeiam, e não exatamente em ti. Ser-se pessoa implica a tua mãe, as nossas pessoas, um desconhecido ou a sua expectativa. Sem ninguém no presente nem no futuro, o indivíduo pensa tão sem razão quanto pensam os peixes. Dura pelo engenho que tiver e perece como um atributo indiferenciado do planeta. Perece como uma coisa

qualquer.

Pintávamos os móveis de flores escuras. Demorávamos muito e a casa cheirava a tintas más, baratas, que demoravam a secar. O meu pai impedia-me de chorar pelo ofício da racionalidade.

Aprender a solidão não é senão capacitarmo-nos do que representamos entre todos. Talvez não representemos nada, o que me parece impossível. Qualquer rasto que deixemos no eremitério é uma conversa com os homens que, cinco minutos ou cinco mil anos depois, nos descubram a presença. Dificilmente se concebe um homem não motivado para deixar rasto e, desse modo, conversar. E se houver um eremita assim, casmurro, seguro que terá pelo chão e pelo céu uma ideia de companhia, espiritualizando cada elemento como quem procura portas para chegar à conversa com deus. Estamos sempre à conversa com deus. A solidão não existe. É uma ficção das nossas cabeças.

Os homens sós percebem que há alguém na água, na pedra, no vento, no fogo. Há alguém na terra.

De qualquer maneira, expliquei ao meu pai, a mãe odeia-me. Isso faz-me chorar, deixa-me triste e ofende-me.

Ele insistia explicando-me que as crianças eram modos de espera. Queria dizer que as crianças não tinham verdades, apenas pistas. O seu mundo fazia-se de aparências e tendências. Nada se definia. Ser-se criança era esperar. Também significava que queria de mim admirável força sem outro sustento que não o da idade. Deixava-me à sorte, cheia de palavras estranhas cujo significado me custava encontrar.

Olhei para os móveis velhos e achei que já eram tristes antes de os escurecermos. Eram os móveis do nosso eremitério.

Que maravilha, as fundas dos vulcões que respiram e aguardam. Que maravilha, a espessura das montanhas que deitam pé ao debaixo das águas e aguardam. Diziam os velhos carregados de ideias inúteis. Os profundos velhos. Gastos da coragem, aumentados da desconfiança. Eu a passar e eles sempre com exclamações. Palavrinhas acerca de como devia ser cada gesto, cada sentimento, cada sonho de futuro. Como se o futuro estivesse preparado para ser igual ao passado, aos dias que gastaram. Como se eu ainda fosse a tempo de lhes ser igual. Uma velha metida para dentro a conspirar inconfessavelmente contra tudo e contra todos.

Quem tem filhos, precisa do futuro. Ouvi-os falar assim.

Punham-se à espreita das águas a perceber se havia movimentos suspeitos. Quase todos queriam ver monstros. Ninguém se convencia de que os mares eram só para animais de clara ciência. Alguns juravam ter visto cabeças levantadas, feitas de dez olhos e bocas de mil dentes. Monstros oceânicos. Viam o oceano como sangue de cristal. Balanceava diante de nós sinuoso, muito belo, mas carregava-se de perigos e sonhava com afogar-nos a todos. O oceano desceu das veias puras de deus. Dizia um

velho. Nas veias puras de deus vivem parasitas que são monstros.

FOI NESSA ALTURA, com onze anos de idade, que me vieram as flores de sangue. A dormir, enquanto delirava com a boca de deus, que era de vento, voadora, infinita, limpa, como se aberta fosse o dia e fechada fosse a noite. Como se dormíssemos dentro dela.

Chamávamos-lhe a boca de deus porque não a conhecíamos. E deus era o desconhecido. Cada coisa que se nos revelasse tornava-se humana. Apenas o que nos transcendia poderia ser deus. Aquela fundura nas rochas, toda infinita e terminante, transcendia-nos. O meu pai recomendava: beija o Hekla, porque não o entendes mas ele sabe o que faz. Beija o Myvatn, porque não o entendes mas ele sabe o que faz. Beija o Vatnajökull, porque não o entendes mas ele sabe o que faz. Beija sempre a boca de deus. Não esperes que sejam amáveis contigo. A bondade pode não ser uma característica de deus. Pode ser apenas ignorância nossa. Chamávamos-lhe a boca de deus porque era um poço infinito que nos servia de sentença para cada coisa. O que para ali atirássemos ficava tão só na imaginação, essa morte de que éramos sempre admiravelmente capazes.

Acordei e pensei que não fazia sentido nenhum que a morte doesse.

Sente-se como uma dor de estômago mais a fundo. Como se o estômago estivesse a descer e a querer sair pernas abaixo. O meu pai perguntou: a morte. E eu respondi: não. As flores das mulheres. O sangue apodrece e cheira mais forte. Corre dentro como um bocado de fogo raivoso, porque me arde. Expliquei assim. Mas o meu pai não conversou mais nada. Teve vergonha. A minha mãe disse que era um pequeno vulcão. São as flores das mulheres. São de sangue. São de lume. Magoam. Todos me falavam de passar a ser mulher e sobre o que isso significava de perigo e condenação. Ser mulher, explicavam, era como ter o trabalho todo do que respeita à humanidade. Que os homens eram para tarefas avulsas, umas participações quase nenhuma. Serviam para quase nada. Como se fossem traves de madeira que se usavam momentaneamente para segurar um teto que ameaçasse cair. Se não valessem pela força, nunca valeriam por motivo algum, porque de coração estavam sempre mal feitos. Eram gulosos, pouco definidos, mudavam com facilidade os desejos, não conheciam a lealdade passional, concebiam apenas engenharias e mediam até os amores pelo lado prático da beleza, gostavam sempre de quem lhes parecesse dar mais jeito, como se procurassem empregadas ao invés de esposas, como se precisassem de precaver os seus próprios defeitos mais do que as virtudes livres das mulheres.

Avaliei o meu pai e achei que o queria ter por marido.

Se um rapaz entrasse dentro de mim, deixava-me filhos. Sairiam filhos de mim. Como de um saco onde estivessem guardados. Pasmava à espreita das minhas pernas nuas. O cimo das pernas aberto como se estivesse estragado. Podre. Tinha apodrecido igual à minha irmã morta. Pingava e magoava. Cheirava mal. O sangue estava esquisito. Eu disse: a menstruação é o sangue que entristece.

Julgava que havia portas e escadas para dentro do meu corpo, por onde os rapazes entrariam. E uma sala onde estariam deitados, os filhos, em camas limpas para que os rapazes pudessem entrar e escolher como seus. Pensei que a ideia de os rapazes entrarem nas raparigas era invasora, estranha, muito animal. Imaginar o corpo como uma casa arrumada tornava mais fácil o controlo do medo, para perspetivar a educação espiritual da matéria. O cuidado. Para que não doesse. Sabia, desde aquele instante, que não poderia ser assim. O corpo das raparigas não tinha tamanho para ser confortável. Os rapazes eram sempre maiores e embrutecidos, para caberem numa rapariga teriam de entrar em partes, com dor, semelhante à morte que usava desfazer tudo. Imaginava que, se o corpo das mulheres fosse igual a uma casa, talvez houvesse uma janela por onde os filhos espreitassem à espera. Se levantasse as camisolas, expondo a pele à luz, talvez houvesse maneira de verem os fiordes.

Em sonhos, por vezes, empurrava-me das encostas. Eu estava no alto das montanhas, as descidas escarpadas e verticais. Voava porque era muito leve, não tinha peso nenhum e levava duas almas. As almas seriam feitas de ar. Uma criança de duas almas, magra assim, voaria como um balão com facilidade. Ainda subiria, ao invés de cair montanha abaixo. Subiria e espiaria os fiordes inteiros e a sua intermitência. As ovelhas, vistas daquele modo, eram como aquelas sementes dentes-de-leão, pequenas flores de lã que se moviam como a procurar um melhor lugar para plantar o pé. E eu pensava: as crianças não se plantam. Não germinam.

A minha mãe bateu-me. Sentiu-se revoltada por me mostrar tão egoísta. Lembrou-me que eu só voara por ter a minha e a alma da Sigridur dentro do balão estreitinho do corpo. De outro modo, bateria com a cabeça nas rochas, a rebolar até ao mar, igual a uma coisa burra qualquer. Estúpida. A minha mãe, mais horrível e sempre mais horrível, cortou-se no interior de um braço para acalmar e guardou mal as facas. Deixava-as sobre a mesa e sobre a banca, como a precisar de as ver, talvez para correr a usá-las se lhe viesse um pânico qualquer.

Eu sabia bem que aceitar a morte da minha irmã era um egoísmo e contradizia muito a família. A vigília dos dias não permitia que a raiva acabasse. Até certo ponto, isso também me reconfortou. Não saberia aceitar a sua morte. Sentia muita revolta. Estava sempre à espera de um sinal. Igual às verdadeiras histórias de fantasmas, como fantasiava o Einar. Confiava muito que ela teria maneira de me falar. Éramos parte de um mesmo todo. Haveria de me falar com palavras bem concretas acerca da tristeza ou da felicidade que devíamos nutrir. As irmãs mortas eram quase iguais, de todo o modo.

Puxei o cabelo para trás das orelhas. Fiquei a ver a charneca por um tempo. Era preciso lavar alguidares e seguir a muitos recados. Se estava mais abandonada às contemplações era porque o meu pai havia dado ordens para que, por uns tempos, me aliviassem os afazeres. Mas a cuidar dos alguidares eu vi o corpo da minha irmã a ser amortalhado. A cuidar do peixe eu vi o corpo da minha irmã a perder o fôlego. A

cuidar da terra eu vi o corpo da minha irmã a germinar. A mão pequena, o dedo mindinho à minha procura. Uma tentativa de se levantar lentamente do lugar fundo onde a haviam posto. A olhar a charneca, quieta, o mar adiante, eu esperava uma salvação. A chegada dos heróis. O regresso absurdo da Sigridur.

FAZIA SOL, ÍAMOS deitar garrafas ao mar. Escrevíamos mensagens aos desconhecidos, pedindo sorte e prendas, pedindo visitas. Contávamos histórias tolas e confissões, ficávamos cheias de esperança que alguém nos atendesse. Escondidas, para não nos cobrarem as garrafas roubadas e a incúria de lançar coisas à água, oferecíamos os nossos segredos.

Pensávamos nos desconhecidos como heróis. Apenas os heróis a sério encontrariam os nossos papeis, e apenas os melhores chegariam ao escarpado recôndito dos fiordes. E era verdade que enchíamos as garrafas de flores, porque queríamos que fossem pequenos jardins de ir embora.

A Sigridur perguntava: e se as baleias os engolem, e se os tubarões os engolem. E se houver bacalhaus gigantes ou os polvos gostarem das garrafas para enfeitar as pernas como se fossem anéis. E os monstros. Eu respondia: enviamos mais. Cobrimos a água de garrafas, até parecer uma charneca em flor.

Víamo-las a boiar no mar calmo, a confundi-las com as fantasmagorias das algas, e queríamos que se afastassem da costa. Seria bom se pudéssemos soprar a fazer vento de feição. A criar ondas para diante, para que arrepiassem ao contrário, a caminho do alto-mar. Descíamos do cabeço pelo lado íngreme, a tentar entender se as garrafas haviam ido ou se, por azar, voltavam.

Por vezes, já no vale, percebíamos o Einar empoleirado nos rochedos com a caçadeira apontada ao mar. O ascoroso Einar que nos destruía tudo. Achávamos sempre que estava a vigiar os nossos navios para os afundar de tiros. Ele, quando nos percebia, corria para dizer que éramos as suas namoradas e para nos puxar os cabelos. Razão pela qual nunca usávamos tranças. Fazíamos-las apenas em festas, quando não saíamos de casa. E pensávamos sempre no Einar. Que era um ogre malcriado com quem nunca teríamos amizade, para o castigar de tudo quanto nos fazia e dizia. Por ser arrogante e feio, de boca desdentada e escura. Ainda que tivesse os olhos de azul aceso, o Einar era quase unicamente feio.

De susto e indignadas, corríamos a protestar, a pedir ajuda às nossas pessoas. Quando havia alguém pelo caminho, o Einar detinha-se. Ouvia uma reprimenda e voltava para a igreja, onde o Steindór tentava domesticá-lo havia anos. Não era novo, era talvez tão velho quanto o Steindór, talvez tão velho quanto o meu pai. Eu não saberia. Mas crescia com vagar. O meu pai dizia que ele ia ser adulto aos duzentos anos. Até lá, era só um tolo destituído. Eu achava que o meu pai estava a explicar que, até lá, o Einar era uma criança, como nós. Como se fôssemos tolas.

Punha a mão nos nossos rabos. Dizia que eram bonitos. Era o que fazia de mais nojento. Abria os braços a ficar gigante, escancarava os olhos e abatia-se sobre nós. Achava que se tornava admirável naqueles modos. Não percebia nada de raparigas. Lêmos sobre a história de umas aves cujo macho, por ser tão equivocado, usava de tudo para atrair uma fêmea mas, mal dos olhos e da cabeça, podia passar um tempo interminável a galar a bosta de vaca no caminho. Não era nada lisonjeiro confundir

as fêmeas com bosta de vaca. O Einar, de igual, dava-se a todas as confusões. Gabava-se, a boca muito podre como de urso velho, cheio de conversas, mas no essencial não parecia ter muito para dizer. Punha-se nervoso. O Steindór explicava que ele perdia a graça porque se envergonhava. Nós, ao contrário, achávamos aquilo uma falta de vergonha. Pensávamos que ele estaria bem com as bostas das ovelhas. Um dia vai apaixonar-se, dizíamos. Ia dormir com as bostas das ovelhas, a dar-lhes beijos e tudo, como os machos todos enganados daquelas aves.

Contei ao meu pai acerca das garrafas. Arrependi-me muito. A minha irmã ficou furiosa. Tinha pedido um namorado e, se o meu pai apanhasse a mensagem e lesse tal precipitação, haveria de a pôr de castigo para não andar a querer coisas más. De qualquer forma, na nossa cabeça gémea, estávamos convencidas de que os namorados serviam sobretudo para nos levarem de barco a passear. Para nos tirarem dali um bocado ou completamente.

As baleias pensavam que as nossas garrafas eram rebuçados. Se lhes der uma pontinha de sol, é o que parecem, Halla, e elas devem gostar de os trincar porque as flores são doces. A Sigridur achava que era por isso que nunca recebíamos qualquer resposta nem visita. As baleias devem vê-as coloridas, lavadinhas, a boiarem à superfície como à montra de uma loja. A Sigridur dizia que se algum dia tivéssemos uma resposta ou uma visita, haveria de ser de algum náufrago que vivesse remediado na boca grande de uma baleia. Ríamos muito. No interior das baleias não se poderia ler, estaria às escuras. Funcionaria por instinto, sem instrução. A minha irmã achava que o interior das baleias devia ser tão grande que talvez fosse habitado por marinheiros que naufragaram e encontraram esconderijo ali. Pendurariam umas gambiarras e encostar-se-iam num bocado de pele para dormirem. Um dia, um desses pescadores incríveis haveria de nos levar a solução para a espera.

Quando for grande, Halla, não quero ser cozinheira das baleias. Não vou ficar aqui enalhada a fazer doces para que elas se consolem. Quando for grande, quero ser de outra maneira. Quero ser longe. Eu respondia: ninguém é longe. As pessoas são sempre perto de alguma coisa e perto delas mesmas. A minha irmã dizia: são. Algumas pessoas são longe. Quando for grande quero ser longe. E eu respondia: eu acho que quero ser professora.

Cuidadosamente desinfetávamos os joelhos a arder, porque caíamos sempre na corrida. Estávamos furiosamente habituadas a cair e a esfolar os joelhos e as mãos quando fugíamos do Einar. Comparávamos as feridas. Queríamos ter as feridas iguais. Quando tínhamos as feridas iguais até ficávamos felizes. Como se o Einar nos fizesse o mesmo mal. Como se representasse o mesmo desgosto para as duas.

Uma noite, a contar segredos, eu disse: acho que nos calha o Einar. Não há mais ninguém. A Sigridur chorou. Era só um. O tolo.

O mercúrio tingia-nos a pele e queríamos que fosse também o mesmo o tamanho da mancha. Como se pintássemos os joelhos com vaidade semelhante às mulheres

que pintavam os lábios. Era fundamental que fôssemos cada vez mais gêmeas. Que se notasse. Que tivéssemos um destino comum, uma felicidade comum, um respeito comum, que estivéssemos sempre juntas.

Namorar, expliquei, assusta-me. Porque vamos namorar sozinhas.

Queria dizer que namoraríamos separadas.

A Sigridur acreditava que o Einar, um dia, haveria de nos matar. Depois, haveria de nos abrir a barriga com uma faca afiada, depois, haveria de comer tudo quanto houvesse dentro de nós com uma colher grande.

Ia pôr-se a comer tudo o que tivéssemos dentro como faziam os monstros marinhos que subiam à charneca à cata das pessoas. Atiravam pescoços compridos sobre os campos e sugavam os conteúdos das pessoas e dos animais. Ficavam a sobrar as peles, alguns ossos e os fantasmas ainda baralhados, surpresos com o destino.

O Einar era como o interior das baleias. Apenas intuitivo, sem grande instrução. Nunca namores com ele, Halla. Tu nunca namores com o Einar. Não o queiras para nada. Acredita em mim. Tem aquela boca suja que deve infetar as bocas limpas que beijar.

Na verdade, não sabíamos nada sobre beijos.

Nas poucas vezes que o Steindór mandava recados aos meus pais, incumbia o tolo de carregar coisas pesadas. Nós seguíamos quietas e enfunadas com a obrigação de o acompanhar até nossa casa. O Steindór dizia-lhe: cuida delas. Não as deixes cair pelas ravinas. Lembra-te dos espinhaços. O Einar jurava que assim seria e queria dar-nos ordens como se estivesse autorizado para o fazer.

Quando nos matar, o Einar vai fazê-lo de surpresa, murmurava a Sigridur. Nem nos vamos dar conta. Depois veremos como foi, já a voar e a chorar lágrimas de fumo, que são as lágrimas que os fantasmas vertem. Veremos como estará feliz.

QUANDO SE APERCEBEU de estar irremediavelmente doente, talvez muito perto de morrer, a Sigridur perguntou-me: achas que é isto que a Islândia quer de mim. Estaria mais correto perguntar se seria a vontade de deus, mas ela achava que deus era o corpo deitado da Islândia. Eu refutei. Disse-lhe: os fiordes são um morto de pedra. Um morto que só sabe falecer mais e mais ainda. E achas que durante a morte se sonha, quis ela saber. Eu respondi que sim. Durante a morte sonha-se.

Chamávamos-lhe deus ou Islândia sem ter como atribuir a cada nome um significado. As palavras eram inúteis para abordar algo que estava proibido à pequenez humana. Qualquer nome não passava de uma blasfémia, como qualquer ideia que quiséssemos guardar segura acerca da grandeza infinita de deus, da Islândia ou da morte. Somos imprudentes ao arriscar conversar acerca destas coisas, confessava eu. Descobrir o nome e o significado de deus não compete a ninguém. Repeti: descobrir o nome e o significado de deus não compete a ninguém. Deve dar-nos medo a necessidade de o entender. Deve dar-nos medo a necessidade de entender deus. Ele é o desconhecido, se por ventura se der a conhecer então é uma falsidade.

A minha irmã perguntou: e durante a morte vais pensar em mim, e vais ao cabeço espiar as baleias para que eu veja as baleias durante a morte. Tentas ver um tubarão. Nunca vimos um tubarão a viver. Queríamos tanto. Vais sentir a minha falta. Halla, tu achas que eu vou poder saber o que passa durante a tua vida e saber se sentes a minha falta.

A Sigridur nunca mo havia dito. Eu, tão gémea e espelho, tão esperta de tantas manias, nunca percebera como ela estava desenganada. Talvez encontrasse o sentido da vida na prova do meu afeto. No momento em que eu lhe garantia nunca esquecer. E sentia que isso seria suficiente para não se desperdiçar. Não fui desperdiçada pela Islândia, pois não. Eu dizia que não. Pensava em deus e dizia que não. Deus não desperdiçaria a minha irmã. Ainda assim, não acreditei que ela morresse. Esperei sempre que a carne do urso lhe desse forças. O melhor peixe da nossa casa. O carneiro. A lã mais grossa para as camisolas que tricotávamos juntas e que ela vestia orgulhosa. Nós, orgulhosas. Bem-vestidas. A gola bordada com os cumes nevados das montanhas. Estás tão bonita, Sigridur, não te vai acontecer nada. Vais ficar melhor e crescer bonita, arranjar um trabalho em Reiquiavique e depois vamos visitar a América. Ela perguntava: lembras-te da mamã a tocar piano. Tínhamos roupas de cama feitas com a melhor penugem dos patos. Apanháramos sacos infinitos. Corrêramos os ninhos de todo o imenso Arnarfjordur. Merecíamos o calor e a saúde. Íamos ficar bem.

Levava as mãos às minhas, como se fosse velha, e pedia-me: ajuda o pai, não deixes de comer, lê os livros das viagens, namora com um homem lavado, pede por mim à Islândia, pede a deus, diz-lhe que componha o órgão da igreja, faz carinhos aos patos, não lhes partas os ovos, celebra sempre a festa do nosso aniversário, ainda que estejas sozinha, sem ninguém, aprende as coisas da escola que não vou

aprender, toma conta das respostas para as minhas mensagens, foge do Einar, já sabes, aprende o arrependimento, ri-te muito. Se alguma das minhas garrafas vier devolvida, atira outra vez. Ninguém precisa de saber que já não estou aqui. Se os mortos forem heróis, vou realizar os teus sonhos. Vou ficar a olhar por ti, mesmo que não me consigas ver. Eu acho que os mortos sabem as coisas todas da escola. Não achas. Não tenhas medo. Não é preciso termos tanto medo, só um bocadinho.

Estar morto deve ser inteligente. A morte deve ser pura inteligência. Não acredito que existam mortos burros. Deus não ia guardar paciência para ter com ele almas burras. O corpo é um traste. A alma deve ser incrível. Quando nos virmos ao espelho e só ali estiver a alma vamos pasmar de maravilha. Maravilhadas com o que somos ou sabemos ser. Viveremos apenas nas costas dos olhos. Entendes. Seremos apenas as costas dos olhos. O lado de dentro.

Sobes ao cabeça, perguntou.

Eu pensava que tinha medo dos mortos. Mas entendia que os mortos não teriam medo uns dos outros. A minha irmã, que ainda vivia, já falava dos mortos como se lhes tivesse perdido o medo. Como se esperasse fazer amigos entre eles, para se sentir normal. Ia sentir-se uma morta absolutamente normal.

Sentada no cabeça, subitamente, vi bem vista a barbatana assustadora de um tubarão gigante. Se fazia sentido ou não, importava pouco. Um tubarão tremendo passara ao largo das nossas montanhas, no mexido das nossas águas. Estava à espera dele havia muitos meses, para que a Sigridur realizasse o seu sonho. Perguntei: mana, estás a sonhar durante a morte. Estás a ver. Espero que sim, disse em voz alta, como se as pedras e as ervas rasteiras fizessem silêncio e se aquietassem à espera de me ouvir falar. Senti-me bem. Senti-me muito bem. Depois disse em gritos: um tubarão, é um tubarão. Todas as pedras e ervas rasteiras me ouviram.

Um tubarão que nadava adiante e nas costas dos olhos.

Lembrava-me bem da minha mãe a tocar. Por muito tempo, tocava no órgão velho da igreja, antes de se estragar e deixar de soar. O Steindór queria muito mandar consertar, mas ninguém o tirava do chão. Custava a crer que alguém o carregara para ali. Um dia, prometia ele, hão de aparecer homens suficientes para levantar este peso até ao barco. A partir do estrago, entrávamos na igreja e, por mais que se falasse e cantasse, sentíamos-nos sempre surdos.

Achávamos que fora o Einar a escavar as teclas. Ouvia-se o som desordenado quando se passava pelas imediações da igreja. Um som sem lógica. O Steindór ainda lhe pedia alguma calma. Mas o Steindór era feito de açúcares, não amargava ninguém, não se amargava, vivia para uma gula feliz.

O meu pai também dizia que a Islândia era deus e era a beleza de deus. E achava que, um dia, deus ia ficar feio. Quando deus ficar feio, disse ele, as coisas mudarão de lugar. As de cima para baixo, as de baixo para cima e as do meio para dentro. Até, talvez, vir para fora aquilo que está agora escondido. As coisas boas e as más. E

depois, perguntei eu. Depois há de ter outra beleza. Talvez apenas não a possamos entender. Não sei, Halla, isso não sei. Talvez não entendamos o que é belo neste preciso momento. Podemos estar absolutamente enganados acerca de tudo quanto gostamos.

O meu pai saberia ter ocupado o lugar liderante do Steindór. Eu entendia-o bem. Tinha muito orgulho nisso. Pensava em assuntos importantes e, com vagar, dava-lhes respostas profundas. Jurou que eu ainda encontraria muita felicidade. Respondi que esperava apenas coisas más e começava a guardar a vontade grande de fugir. Ele disse-me que havia pouco interesse em fugir. Achava que o mundo dos homens estava a acabar.

A minha mãe, por seu lado, perdera o modo de se apaziguar. Rejeitava cada coisa. Era rigorosa, não desculpava ninguém e não se desculpava. Estava em guerra. Não sabia nada, na verdade, punha as mãos às cegas no mundo. Como se estivesse viva num mundo morto.

Sobre a beleza o meu pai também explicava: só existe a beleza que se diz. Só existe a beleza se existir interlocutor. A beleza da lagoa é sempre alguém. Porque a beleza da lagoa só acontece porque a posso partilhar. Se não houver ninguém, nem a necessidade de encontrar a beleza existe nem a lagoa será bela. A beleza é sempre alguém, no sentido em que ela se concretiza apenas pela expectativa da reunião com o outro. Ele afirmava: o nome da lagoa é Halla, é Sigridur. Ainda que as palavras sejam débeis. As palavras são objetos magros incapazes de conter o mundo. Usamo-las por pura ilusão. Deixámo-nos iludir assim para não percermos de imediato conscientes da impossibilidade de comunicar e, por isso, a impossibilidade da beleza. Todas as lagoas do mundo dependem de sermos ao menos dois. Para que um veja e o outro ouça. Sem um diálogo não há beleza e não há lagoa. A esperança na humanidade, talvez por ingénua convicção, está na crença de que o indivíduo a quem se pede que ouça o faça por confiança. É o que todos almejamos. Que acreditem em nós. Dizermos algo que se toma como verdadeiro porque o dizemos simplesmente.

Perguntei-lhe se dizermos o nome da Sigridur era manter-lhe a beleza, como manter-lhe a vida. Ele respondeu que sim. Era exatamente isso. Eu tive vontade de dizer o nome da minha irmã em voz alta. Era muito bela a minha irmã. Tinha o nome mais sonante e podíamos evocar dela o mais delicado azul dos olhos e a mais esperta maneira de ser criança. Estava, subitamente, viva. Ainda que as palavras fossem objetos magrinhos, mais magrinhos do que eu. Era como se a minha irmã nos assomasse à boca. Quase inteira. Abríamos a boca e ela estava lá. Estava em todo o lado. Uma mentira passageira. Uma mentira, meu pai. É uma mentira.

Os mortos talvez tivessem medo uns dos outros. Podia ser que se matassem mais e mais, ferrando-se e mutilando-se nos espíritos ainda ansiosos pelos corpos. Do mesmo modo como sobra no amputado a perceção cruel do membro que perde,

talvez nos mortos lhes sobre para sempre a impressão dos corpos. E assim se agriam uns aos outros, furiosos por serem levados da vida, zangados e incapazes de administrar melhor o horror. Eu protestava. Podia ser que a Sigridur estivesse tão má que não guardasse tempo para nos ter piedade, para nos sentir a falta, para nos esperar senão com a intenção de nos matar mais e mais também. Os mortos podem ser só um instrumento da morte. Como se existissem para aumentar o reino terrível que habitam.

POR SEREM INGÉNUAS, as ovelhas levavam os corações puros que apenas suportavam a alegria de comerem do chão sem surpresas. Imbuída de todas as razões, eu gritava-lhes odiosamente, a vê-las espernearem de terror, desmaiando, por vezes. Chegava perto, inclinava-me sobre as suas cabeças estúpidas e amorosas, e ordenava que morressem. Eram-lhes indiferentes as palavras vida ou morte, mas a fúria na minha voz podia entrar-lhes corpo adentro como uma bala ou um arpão.

Ficava a observar como se debatiam no chão, incapazes de fugir, incapazes de aceder aos pensamentos pequeninos que a natureza lhes reservava. Observava-as e pensava que, então, tinham corações como espelhos. Mostravam nos corações atacados de morte as feições do meu rosto e da minha alma. Teria sido terrível que verdadeiramente morressem. Faltavam à comunidade. Eram uma preciosidade que nos fazia sobreviver. Não morreram. Aguentaram o meu primeiro ódio. Persistiram. Eu chegava a desejar que a minha mãe lhes passasse a lâmina e as desfizesse. Mesmo que coubesse a mim, depois, limpar tudo.

Fui confirmar ao meu pai que descobrira o pânico. Um instante em que o interior nos vinha à pele estarrecido com o nojento das entranhas.

As palavras não são nada. Deviam ser eliminadas. Nada do que possamos dizer alude ao que no mundo é. Com trinta e duas letras num alfabeto não criamos mais do que objetos equivalentes entre si, todos irmanados na sua ilusão. As letras da palavra cavalo não galopam, nem as do fogo bruxuleiam. E que importa como se diz cavalo ou fogo se não se autonomizam do abecedário. Nenhuma pedra se entende por caracteres. As pedras são entidades absolutamente autónomas às expressões. As pedras recusam a linguagem. Para a linguagem as pedras reclamam o direito de não existir. Se as nomeamos não estamos senão a enganarmo-nos voluntariamente. Às pedras nunca enganaremos. Elas sabem que existem por outros motivos e talvez suspeitem que o nosso desejo de falar seja só um modo menos desenvolvido de encarar a evidência de existir.

O meu pai declarou: a Islândia pensa. A Islândia é temperamental, imatura como as crianças, mimada. Tem uma idade geológica pueril. É, no cômputo do mundo, infante. Por viver a infância, decide com muito erro, agressiva e exuberantemente.

Não te aproximes demasiado das águas, podem ter braços que te puxem para que morras afogada. Não subas demasiado alto, podem vir pés no vento que te queiram fazer cair. Não cobices demasiado o sol de verão, pode haver fogo na luz que te queime os olhos. Não te enganes com toda a neve, podem ser ursos deitados à espera de comer. Tudo na Islândia pensa. Sem pensar, nada tem provimento aqui. Milagres e mais milagres, falava assim. E tudo pensa o pior.

Eu, instável na convicção de que as palavras salvariam, enfurecia-me por me apertar ainda o peito e a tristeza trazer uma paralisação constante dos gestos e das ideias. Dizer Sigridur não fazia companhia. O meu pai fazia companhia mas não diríamos o nome da Sigridur com tanta matéria que o seu corpo se refizesse diante

de nós. Éramos imbecis. Valíamos nada.

Queria uma palavra alarve, muito gorda, uma que usasse todo o alfabeto e muitas vezes, até não se bastar com letras e sons e exigisse pedras e pedaços de vento, as crinas dos cavalos e a fundura da água, o tamanho da boca de deus, o medo todo e a esperança. Uma palavra alarve que fosse tão feita de tudo que, quando dita, pousasse no chão definitivamente, sem se ir embora para que a pudéssemos abraçar. Beijar.

Beija a tua irmã, porque não a entendes mas ela sabe o que faz. Pensei. Está morta, sabe tudo.

O meu pai escrevia os seus poemas e fervia de se pôr no papel. Inventava poemas como se não fosse o seu autor. Pasmava diante deles, incrédulo, com dificuldade em entender de onde surgiam as palavras, como era possível que o explicassem. E eu achava que não explicavam nada. Eu queria olhar para as folhas e ver a Sigridur a correr, a molhar-se nos tanques de água quente. Não queria ver a caligrafia aprumada do meu pai e as suas rimas fracas, esforçadas. Queria que as folhas fossem um barco que nos tirasse a todos dali, ou que abrissem uma estrada segura até ao outro lado do mundo e tivessem rodas velozes e janelas a mostrar as vistas.

Íamos a Bildudalur. Passávamos a estranha marca na montanha e dizíamos que havia sido onde deus se sentara a lavar os pés. Contava-se que deus se sentara pelos fiordes e, de rabo tão pesado, a rocha cedera como se fosse um monte de areia. Outras pessoas achavam que aquilo era do diabo, descansando de andar a acender caldeiras, regurgitando as almas dos infelizes para dentro das crateras fundas dos vulcões, enchendo os vulcões do estranho ódio que o fogo continha. Jurava o meu pai: é um estranho ódio que o fogo contém. Deve vir dos mal mortos. Os zangados.

O fogo odeia. Insistia ele. É essencial que seja assim.

Mas os pés quentes do diabo teriam seco o mar. Eu achava que a marca grande na montanha era do rabo de deus. Porque o mar continuava fresco e sem receios. Muito fundo. O mar era um diamante líquido. Eu respondia: o mar também pensa. O meu pai sorria. Os peixes nadavam dentro de um diamante. No sangue de cristal.

Em Bildudalur, ajeitados para as compras e para as vendas, reparávamos sempre em como as pessoas pareciam limpas. Como se tivessem trabalhos mais lentos, onde se sujassem mais devagar. Estavam sempre mais bonitas. Os rapazes, sendo poucos, eram lindos. Muito perfeitos. Calavam-se na rua. O oposto do Einar. Pensei: sou tão esperta que nunca precisarei de namorar com o Einar. Não te preocupes, mana. Podes morrer feliz. Mas a Sigridur já estava morta. Pouco adiantava que a tentasse convencer da minha integridade ou bizarra esperança.

Pescávamos à linha, no regresso. Atirávamos os anzóis sem isco. Os peixes mordiam imediatamente como se tivessem fome de anzóis. Abundavam para nossa segurança. Pesquei apenas bacalhaus. Quando algum mais pequeno subia, soltávamo-lo. Cuspíamos-lhe na boca ferida e deitávamo-lo à água. Ia avisar os outros de que os pescadores daquele barco eram boa gente. Ensinavam os peixes pequenos

a esperar a altura de morder. Era como dizer que lhes ensinavam a altura de morrer.

Não lamentei o sofrimento dos bacalhaus que pesquei a debaterem-se no pequeno tanque. Estavam maduros para nós, maduros para eles próprios, para morrerem. Não seria nada o peixe de que mais gostava, mas comer não se dava a requintes. Era uma tarefa que devia desempenhar-se com humildade.

O pequeno tanque branco, pensei, podia ser uma página. Os peixes debatendo-se podiam ser um poema. Chamei o meu pai. Disse-lhe que os poemas deviam ser assim, como caixas onde estivesse tudo contido e onde, por definição, pudéssemos entrar também. Caixas gigantes, se fosse necessário. Adequadas ao tamanho do que se quisesse dizer. Do que se quisesse guardar. E os peixes como versos que podemos tocar. Pai. Que podemos tocar. Esses versos convencem-me, os outros, não.

Sonhei que me deitava encostada à Sigridur na sua caixa de ir à terra. Encostada, sem grande espaço, apenas o suficiente para assistir, ver, tomar conta. Saber tudo o que aconteceria. Tocar. Ela estendida como um verso.

Naquele dia, uma baleia quase bateu no barco. Entravam muitas para comer os camarões e o nosso mar emparedado parecia até pequeno. Víamos-lhes os rabos a fazer força para que se afundassem em velocidade. O cantinho interior do Arnarfjordur era um guarda-joias culinário. Os camarões guardavam-se ali tão preciosos quanto se encurralavam. Pescávamos em sossego enquanto milhares ou milhões de criaturinhas morriam sem piedade.

Dentro do diamante líquido nadavam criaturas que se matavam umas às outras.

POR VEZES, A minha mãe sangrava nos pratos. Enquanto os lavava, os cortes dos braços abriam a sujar a água. Não se cuidava. Gostava de ver as gotas escuras a cair na brancura da louça. Não lhe podíamos pedir que se afastasse. Ainda que se pusesse anémica, meio morrendo, era como queria. Vingava-se de si mesma por não ter sabido salvar uma filha. E eu afastava-me, sempre prometida para a morte. Devias morrer, dizia ela ao deitar. A tua irmã está sozinha e não te pode vir acompanhar. Mas tu podes. Tu podes chegar à morte com tanta facilidade. Cada passo é um perigo na nossa vida. Se não te acautelares, morres de distraída. Nem te magoará. E eu respondia: não me peça para morrer, mãe. Ainda tenho muita vontade de fugir, foi o que me ensinou a Sigridur. Que agora também eu entendo o que é ser longe. E ela disse: se fugires, mato-te. Vais estar sempre ao pé da minha mão. O único longe para ti há de ser a morte. Perto da tua irmã.

Nessa noite, o meu pai no barco, deitei-me atordoada. Não suportava a cabeça. A cabeça estava como um inchaço do corpo, um pedaço de porcaria que não tinha sentido. Entendi mais tarde que comera algum veneno. Fizera-me dormir além do sono. Um apagamento violento que me deixara à mercê. Quando acordei, a minha mãe desfizera-me um mamilo. A pele falhava. O sangue já seco não escondia os cortes. As dores eram profundas. A minha mãe disse-me que precisávamos de sacrificar o coração. Não sentir e não temer. Ter medo era um egoísmo insuportável. Eu gritei. Chamei-lhe louca, má, chamei-lhe diabo. Arrancara-me um ovo da pele. Dizia que era o símbolo da maternidade. Chorei para que o meu pai voltasse. Subi à criança plantada, gritei com as ovelhas até que se mijassem de medo e tombassem no chão como estúpidas, sempre sem entenderem a fúria, o ódio. Ainda cravei as mãos. Haveria de arrancar da terra o corpo desfeito da Sigridur e levá-la comigo para longe, para nos salvarmos as duas. As pessoas achavam que a menos morta já não escaparia. Achavam que eu, a menos morta, já estaria tão encomendada de alma quanto a minha irmã.

Ao regressar, o meu pai pensador e fantasioso abraçou-me. O meu pai salvou-me muito. Subiu a mão pesada sobre o rosto da minha mãe e desceu. Bateu-lhe. Talvez fosse a primeira vez. Ela aninhou-se. Era como se emagrecesse dez quilos de um só sopro. Vazia. Choramingou igual a uma coitada. Por ternura, ajoelhei-me e abracei-a também. Estávamos todos por semelhante tristeza. Não havia uma palavra para o explicar. Era real e não se pronunciava. O meu pai anuiu. Algumas coisas, como deus, existiam sem nome. Talvez nós próprios não tivéssemos nome e andássemos iludidos com aquele que usávamos. Talvez nós próprios fôssemos outra coisa que não aquilo que nos habituáramos a pensar ser.

Quando falo, não entrego nada. Deixo mesmamente despido quem tem frio e não encho a barriga dos que têm fome. Quando falo, o que faço é perto de não fazer nada e, no entanto, cria-nos a sensação de fazer tanto. Como se falando pudéssemos fazer tudo. O que digo é só bom porque pode ser dito, mas não se põe de parede para a

casa ou de barco para a fuga. Não podemos navegar numa palavra. Não podemos ir embora. Falar é ficar. Se falo é porque ainda não fui. Ainda aqui estou. Preciso de me calar, pai. Preciso de aprender a calar-me. Quero muito fugir.

Mergulhei nas águas quentes. A paisagem silente, a bulir apenas com aquele vapor. Fiquei de rosto de fora, auscultando. Era raro que ali fosse. Cheia de complexos de mostrar o corpo nu, atrapalhada com as conversas, o mexerico inquisidor, os homens de cervejas na boca ficcionando a felicidade. Naquele dia, mais tarde, não havia ninguém nos banhos. O verão permitia que aparecessem depois, na luz da meia-noite, fazendo festa. Eu queria apenas sentir-me abandonada. A água tomando o meu corpo leve, aquecendo-o, confortando-o. Gostava dos tanques. O modo como ficavam de varanda para o mar. Gostava do conforto materno das águas quentes.

O Einar, ao afundar, fazia barulho como as crianças distraídas ou eufóricas. A água parecia acordar do seu próprio sono. Ele ficava chapinhando com as mãos, alardeando, incomodando a meditação de cada pedrinha agreste dos fiordes. Ria-se. Eu encolhia o corpo já encolhido e sofria de uma angústia inconfessada. Ele dizia que o tanque onde estava era ainda mais quente do que o meu. Eu, agarrada ao peito, a tapar o tecido breve que me escondia o mamilo e parte da cicatriz, não respondia. Ficava de mau feitio a fazer-me de surda e a olhar para o fundo, como se passassem barcos ou alguém me chamasse. Ele repetia cada graça e esforçava-se para que eu correspondesse, e tornava-se mais impaciente. Recusava-me olhar, porque ele ia de calções curtos, era um malcriado e não parecia limpo. Nunca passava sabão. Esperava que a água perfumasse, que desinfetasse, que fosse boa sozinha. Ria-se de dentes pretos e chapinhava e chamava por mim como se eu lhe estivesse a responder em grande conversa. Eu bufava. Pensava que ele era chato. Era muito velho para namorar comigo e era chato. Já estava muito avisada contra os homens. Cheios de ideias claras de gestão. Geriam as vidinhas com sentido prático. A verem o que precisavam para serem felizes como se fossem a um mercado de raparigas aviar as conveniências. A minha irmã, acerca do Einar, estava de esperteza toda. Não era homem para nós. Não prestava para nada. Eu que o dissesse. Atrapalhada com manter-me discreta, e a água fumegando de quente a suar-me a cabeça como se me cozinhasse. Tinha sido uma péssima ideia meter-me ali. Os tanques eram populares. As coisas populares não combinavam com uma rapariga tão desanimada quanto eu. Ele, enrabichado, todo cheio de interesses e eu, amuada, a exigir o meu direito à solidão e ao silêncio. Depois, começou a disparatar sobre coisas sem nexos, até lhe parecer romântico explicar loucamente as estrelas e os planetas. Mais tarde, eu saberia que o Einar, confuso nestas alturas, procurava ser consequente, inteligente, procurava organizar um discurso passível de me cativar. Assustava-me. Dizia: a obstrução da luz. E eu nem sabia porque ele estava a gritar aquilo. Mas entusiasmar-se muito. Todo levantado nas águas e os calções quase a caírem-lhe e eu a fechar os olhos de canto,

esquiva, meio a ter medo e a querer ver, nem que fosse apenas para saber do que devia ter medo e me proteger como desse. Não sabia o que queria dizer a palavra obstrução. Parecia uma coisa com ossos. Uma palavra com ossos e que talvez rastejasse de boca aberta. Feia, como a boca sempre aberta do Einar. Muito feia.

Quando saltou para o meu tanque, queixando-se do frio, da água mais fria, de ser menos profundo, de estar torto, inclinado para diante como fosse para entornar, perguntou-me se andava calada pela tristeza. Foi o modo como perguntou, um instante súbito de consciência, de respeito, uma tristeza que ele também sentisse, compaixão. Confundi-me. Respondi que sim. Que perdera o jeito das conversas. Andava por ali a ver no vazio coisas de mentira. Andava a ver o vazio das coisas. Porque, sem a Sigridur, tudo perdera o conteúdo. Estava oco. Como se ela fosse o dentro de tudo. O dentro dos peixes e o dentro das pedras, o dentro de todas as mãos e dos sons, o dentro das paisagens, das subidas acentuadas, do medo de cair, da profundidade do mar, a chuva de todos os dias. O dentro de mim e o dentro do Einar. E eu pensava em coisas de mentira. Imaginava e tinha sonhos. Ele ficou parado. O corpo todo dentro de água, o rosto observando o mar ao centro das montanhas, como se passassem barcos, dizia. Era bonito que passassem barcos, a levantar tubarões pela cauda. Vi uma vez um a passar assim. Levava o guindaste em serviço. O tubarão ainda arfava de cabeça no chão. Era como se estivesse derretido. O Steindór também viu. Estava aqui comigo e viu bem-visto. Daqui a pouco deve chegar aí e podes perguntar-lhe se não é verdade. Mandou-me vir primeiro. Venho primeiro para o deixar pensar. Ele acha que eu sou oclusivo. Precisa de pensar sossegado para aquelas decisões importantes que tem de tomar. Oclusivo, pensei. Era uma palavra estranha que não tinha significado. Pareceu-me muito honesto assumir algo tão raro. Perguntei: o que quer dizer obstrução e oclusivo. Porque usas palavras que nunca ouvi. Ele respondeu: queria muito que me achasses menos tolo. Tenho uma inteligência caprichosa. Sei coisas, só não sei explicá-las. Como o quê, voltei a perguntar. Como o que sei do passado mas não consigo lembrar. Sei que me magoaram, mas não o consigo lembrar. Fizeram-me muito mal, Halla, e quase sei quem foi, mas não me lembro. O meu pai escreve poemas para descobrir aquilo que não sabe, eu disse. Respondeu: o Steindór lê poemas para explicar as coisas mais difíceis. As coisas mais difíceis escapam todas à ciência. O meu pai é um cientista das ideias, eu disse. O meu pai é muito genial. O Einar respondeu: eu acho que o Steindór me fez mal, mas não me consigo lembrar. Só me lembro de ele me fazer bem. Nunca o confessei a ninguém. Tu és a única pessoa do mundo a quem contei isto, juro muito. É um segredo. Eu anuí.

Pensei outra vez que o Einar era o único tolo das nossas pessoas como se pensasse que era o único solteiro, o único rapaz, o único amor possível. Achei que o Einar estava consciente de ser tolo. Não podia deixar de o ser, e sabia-o, com a mágoa que isso traria. Imaginei-o como alguém magoado. Alguém que tivesse dor. Tirei as mãos

do peito. De qualquer maneira, debaixo de água, não se via nada. Debrucei-me no rebordo do tanque como ao parapeito de uma janela. Imaginei os barcos a passarem com tubarões derretidos. Ele arrancou duas flores silvestres, eu pulei a flutuar na água. O Einar: não tens de estar sozinha. Só sentir. Sentir, sim. Estar, não. Até não te sentires sozinha.

Mostrei-lhe a cicatriz que escorria para fora do pano pequeno no meu peito. Era um fusível pelas costelas. Acendia nada. Escurecia-me. Ele já ouvira falar. Achei que estava quase a chorar por mim. Estava comovido. Nunca nenhuma percepção me fora tão revolucionária quanto aquela. A minha mãe, confessei, corta-se e odeia-se. Odeia-me também. Como não me multiplico, sou uma metade insuportável que prefere não reconhecer.

Havia umas margaridas muito mirradas que circundavam os tanques. Mais para o lado de cima do que para o lado de baixo, por onde a água quente transbordava e melava tudo. Punha sempre os pés nos olhos. Pensava eu. Pôr os pés nos olhos. Queria dizer que via por onde ia. Detestaria pisar as poucas margaridas. Arrependi-me de arrancarmos as flores para as colocar a boiar. Estava nervosa. Só fazia asneiras. Só fazia asneiras. Pedi ao Einar que nunca mais matássemos flores. Era o nosso pacto. Não matar as flores, o que parecia um compromisso absoluto em favor da vida. Ele aceitou como se finalmente me tornasse sua namorada. Estava comprometido comigo para aquilo, era como dispor-se a um compromisso comigo para todas as coisas.

Não queria ver o Steindór. Não queria que as nossas pessoas me apanhassem ali, despida, magra de ossos à mostra. Encorajei-me. Lancei mão da toalha e assim me tapei ao sair da água. Vesti-me atrás das rochas. Apressada e a tremer de frio. Desculpando-me. Era para ir aos recados da minha mãe. Disse eu. E o Einar só exclamava: que pena. Que pena. Agitava-se. Voltava a levantar a água.

Tinha-lhe confiado que as águas acordavam do seu próprio sono. Pensava que as águas eram sonâmbulas. Moviam-se dentro de uma certa noite contínua. Por sonho. As águas moviam-se por sonho. O Einar gritava, feliz, que adorava conversar comigo. Que eu era a sua melhor amiga e que me amava. Eu precisava de fugir antes que alguém chegasse e o ouvisse.

As águas, um dia, acordadas de raiva, haveriam de se levantar, verticais e furiosas, para fustigar tudo. As quentes e as frias. Espanando os icebergs, os glaciares inteiros, libertando todas as coisas como a fazer com que viessem flutuar à procura de um novo tempo para parar.

O Einar dizia: a menos morta gosta de mim. Eu tinha pena do Einar.

Passei a dormir com uma moeda fechada na mão. O meu pai dissera-me que as moedas eram sujas. Pouco havia de mais sujo no mundo. Na mão de uma criança eram como monstros redondos e diminutos que, a qualquer momento, abriam bocas muito dentadas e devoravam tudo. Ele achava que o mundo dos homens estava a

acabar. O das crianças acabaria logo depois.

A MINHA IRMÃ não subia a terra, nem por árvore de músculo nem por tronco de madeira. Ele sorriu compassivo. Talvez a tristeza fosse um modo de envelhecer. A tristeza colocara os meus pais e as coisas todas a envelhecer. Dizia-me que era possível. O tempo também se conta pelos desgostos. Explicava isso. Respondi: se fosse assim, eu teria cem anos. Estaria muito velhinha. E tu, perguntei. Ele disse que estaria com mil anos e que saberia os segredos de todos os mistérios.

Pôs a mão no meu peito. Eu não tinha nada. Era lisa como os rapazes. Percorreu a cicatriz. Depois, pôs a mão entre as minhas pernas. Sorriu de boca podre. Eu confirmei: já sou uma mulher. Deito flores. Senti-me francamente orgulhosa, como se atingisse alguma meta por mérito. Alinhei as costas muito direitas. Ficava com mais dez centímetros de altura. Até me admirava com o que via assim esticada. Era alta. Muito mais alta do que estava habituada a sentir-me. Como se fosse mais adulta e soubesse melhor o que fazia.

Deitámo-nos no chão, sobre a minha irmã, a dizer coisas à sorte e a ocupar o espaço.

O Einar tinha um sorriso negro. A boca aberta como um rabo, o lado de trás. Um objeto de matar. Tinha a boca como um objeto. Um rabo que fosse uma coisa e tivesse lâminas e cortasse. Achei que verdadeiramente me devoraria. Os dentes metálicos, luzindo em água negra, como se fossem moedas gastas de tanto ferrar. Não parava de pensar que estava proibida de fazer futuro com ele. Era como desobedecer à morte. Ordens da morte, do lado de lá da vida. O Einar não podia ser meu namorado.

Encostou o objeto sujo no meu peito. Mexendo-me e eu com a impressão de que a pele me ficava preta. Sou um falcão, desses falcões que atacam sem piedade. Beijava-me assim, eu a sentir que a pele amargava como se estragando. Pedia-lhe que namorasse comigo apenas por amor. Podes gostar de mim, pedia eu. E ele tocava-me gulosamente, a garantir que sim. Que gostava de mim. Enquanto não for por amor, não namores muito. Eu pedia. Esperava que o amor, quando acontecesse, me tirasse o nojo que sentia. Passaria a achá-lo limpo. Dói-te aqui, perguntava-me.

Depois, respondi-lhe: talvez a morte seja só uma maneira de simplificar a alma. A morte é a simplificação das almas. Deixa-as libertas dos infinitos pormenores do corpo. Libertas da sua vulnerabilidade. Ele deteve-se por um instante. Eu repeti: o corpo suja a alma.

Naquele dia, o Einar prometeu que escavaria a minha irmã. Poderíamos olhar para ela. Perceber o que lhe acontecia e como saberia explicar ainda a morte. Parou de me tocar. Ficou loucamente a ouvir as nuvens. Fazia chhh, e ouvia o nada como se fosse alguma coisa. De todo o modo, começara a chover. Eu precisava de regressar a casa.

Ter duas almas deixava-me assim, a meias de fazer uma coisa e outra.

Levava um punhado de flores pequenas do caminho que arrancara com raízes. As

flores vivas talvez fossem mais felizes e levassem maior felicidade a quem se destinavam. Pedi licença ao meu pai para arrancar pelas raízes as flores silvestres. Se as levasse pelas raízes poderiam viver na terra da minha irmã sem darem conta que viajaram. Ele disse que sim. A minha mãe, no entanto, disse que não. Achava que os lugares das pessoas mortas precisavam de respeitar a tristeza. Tinham de ser um bocado feios.

Senti-me muito feia por andar ainda atrás da beleza. Era tão diferente de fugir. O meu pai desentristeceu-me. Prometeu que leríamos um livro. Os livros eram ladrões. Roubavam-nos do que nos acontecia. Mas também eram generosos. Ofereciam-nos o que não nos acontecia. Se a minha mãe se deitasse cedo, leríamos como quem partia dali para fora. Para longe. Estás a ouvir, mana. Punha a cabeça de encontro ao livro como se para ler fosse necessário mergulhar. Servia de ilusão. O melhor era poder fazê-lo com o meu pai. Andar iludida com ele. Ele, eu sabia-o muito bem, era uma parte viva da minha irmã.

Eu disse à minha mãe que escavaria a criança plantada e a tomaria nos braços. Se me enfurecessem, ainda era maluca o suficiente para fugir com a Sigridur morta e mordida para muito longe dali.

Uma pequena gota de sangue mostrou-se no pulso da minha mãe. Ajeitou a camisa de dormir. Deitou-se novamente, discreta. Envergonhei-me por lhe responder. Era uma rapariga mimada. Devia ser a poesia do meu pai que me mimava. Os livros. Eram os livros. Diziam-me coisas bonitas e eu sentia que a beleza passava a ser um direito.

Apertei a moeda. Adormeci à espera que crescesse e me matasse. As moedas eram da família das facas.

CONTAVA-SE QUE, num tempo inicial, voavam dragões famintos que devoravam tudo quanto lhes adoçasse as entranhas zangadas. Contava-se que, devastadas as coisas todas, os dragões haviam perdido a capacidade de voar e haviam parado exaustos um pouco por toda a parte. Arfavam e empederniam. Dizia-se que, de tão grandes e espessas peles, haviam radicado como montanhas de boca aberta. Passados infinitos séculos, alguns fumegavam ainda. Algumas bocas, no resto da raiva que continham, cuspiam fogo, já como dragões de pedra. Bichos gordos absolutamente feitos de pedra. Era engraçado olhar para as montanhas da Islândia e imaginar dragões acotovelados. Gigantes e cansados, mas talvez ainda ferroando-se e chamuscando-se uns aos outros por dentro. Culpados e culpando-se de terem tido tanta gula e tanta incúria.

Talvez a Sigridur estivesse simplesmente a arder. Teria ardido. Metida abaixo da terra para eventualmente afundar sempre, até às caldeiras que esperavam por nós. A Islândia era uma caldeira, uma panela de pedra sobre uma caldeira. A Sigridur cozinhava. O Einar perguntou: quem te disse isso. Eu respondi: ninguém. Chegara carta da minha tia. Palavras vindas de Höfn apenas para confirmar que se mantinha a serviço e solteira, de saúde e esperançada. Eram notícias raras. Nem para a plantação da Sigridur regressara. O meu pai dizia que ela era melhor assim, do outro lado da Islândia. Era melhor pessoa se não estivesse perto. O meu pai respondeu à carta: por aqui, tudo bem. As ovelhas e os carneiros, sempre bom peixe, a igreja sem prior, o Steindór solteiro, o telhado para remendar, mais nada, o de sempre, e um beijo da tua irmã, outro da tua sobrinha, um abraço do teu cunhado e mais sortes. Que te corram bem os vulcões, os aluviões, o frio, a fartura da casa que serves. Depois, virou-se para mim e acrescentou: deve estar como uma montanha derramada entre outras. Gorda e gluttona, fervendo por dentro, furiosa por ter tomado sozinha a decisão para o maior erro da sua vida. Não entendi. Ainda insisti: de ir para Höfn. O meu pai calou-se. Entrou a minha mãe, ele releu a carta e ela assentiu mudamente. Fechou-a num envelope. Escreveu o nome e um endereço e percebi que era tão diferente das nossas garrafas. Haveria de seguir sem esperança alguma. Sem flores nem açúcares, sem perfumes.

O meu pai disse que a minha tia havia de estar a deitar fogo pela boca, tanto quanto o Hekla da última vez. Gorda, tombada de raiva como um dragão casmurro a conversar de igual com as montanhas.

O meu pai jurava que a minha tia havia de povoar de pequenas ilhas o adiante do mar.

A minha mãe benzia-se quando se falava da irmã. Benzia-se quando deixavam a carta com o barco. Com as cartas iam-se as palavras. Ficava em silêncio por um tempo. Eu não conseguia entender se a medo ou ansiedade, se por sentir falta ou temer o regresso. Havia uma história acerca da minha tia e de um homem com quem haveria de casar. Não casou.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "A desumanização"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).